

Série Saúde Mental Coletiva

LINHAS DO TEMPO: Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública

Analice de Lima Palombini
Vera Lucia Pasini
Daniel Dall'Igna Ecker

ORGANIZADORAS





A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página
<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa as vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

editora.redeunida.org.br



Analice de Lima Palombini
Vera Lucia Pasini
Daniel Dall'Igna Ecker
ORGANIZADORAS

Série Saúde Mental Coletiva

LINHAS DO TEMPO: Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública

1ª Edição
Porto Alegre
2022



Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Túlio Batista Franco

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Gabriel Calazans Baptista, Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Denise Bueno, Maria das Graças, Frederico Viana Machado, Márcio Mariath Belloc, Karol Veiga Cabral, Daniela Dallegrave.**

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;

Alcindo Antônio Ferla – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

Ángel MartínezHernández – Universitat Rovira i Virgili, Espanha;

Angelo Stefanini – Università di Bologna, Itália;

Ardigó Martino – Università di Bologna, Itália;

Berta Paz Lorido – Universitat de les Illes Balears, Espanha;

Celia Beatriz Iriart – University of New Mexico, Estados Unidos da América;

Denise Bueno – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

Emerson Elias Merhy – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil;

Érica Rosalba Mallmann Duarte – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

Francisca Valda Silva de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil;

Izabella Barison Matos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;

Héider Aurélio Pinto – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil;

João Henrique Lara do Amaral – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil;

Júlio César Schweickardt – Fundação Oswaldo Cruz/ Amazonas, Brasil;

Laura Camargo Macruz Feuerwerker – Universidade de São Paulo, Brasil;

Leonardo Federico – Universidad Nacional de Lanús, Argentina;

Lisiane Böer Possa – Universidade Federal de Santa Maria, Brasil;

Liliana Santos – Universidade Federal da Bahia, Brasil;

Luciano Bezerra Gomes – Universidade Federal da Paraíba, Brasil;

Mara Lisiane dos Santos – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;

Márcia Regina Cardoso Torres – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil;

Marco Akerman – Universidade de São Paulo, Brasil;

Maria Augusta Nicoli – Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália;

Maria das Graças Alves Pereira – Instituto Federal do Acre, Brasil;

Maria Luiza Jaeger – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;

Maria Rocineide Ferreira da Silva – Universidade Estadual do Ceará, Brasil;

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira – Universidade Federal do Pará, Brasil;

Ricardo Burg Ceccim – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

Rodrigo Tobias de Sousa Lima – Fundação Oswaldo Cruz/ Amazonas, Brasil;

Rossana Staevie Baduy – Universidade Estadual de Londrina, Brasil;

Sara Donetto – King's College London, Inglaterra;

Sueli Terezinha Goi Barrios – Associação Rede Unida, Brasil;

Túlio Batista Franco – Universidade Federal Fluminense, Brasil;

Vanderléia Laodete Pulga – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;

Vera Lucia Kodjaoglanian – Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil;

Vera Maria Rocha – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;

Vincenza Pellegrini – Università di Parma, Itália.

Comissão Executiva Editorial

Gabriel Calazans Baptista

Jaqueline Miotto Guarnieri

Alana Santos de Souza

Márcia Regina Cardoso Torres

Renata Riffel Bitencourt

Capa | Projeto Gráfico | Diagramação

Lucia Pouchain

Ilustração Capa

Eleonora Graebin

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P1811 Palombini, Analice de Lima; **Pasini**, Vera Lucia; **Ecker**, Daniel Dall'Igna (org.).

Linhas do tempo: acompanhamento terapêutico na rede pública / Organizadoras: Analice de Lima Palombini, Vera Lucia Pasini e Daniel Dall'Igna Ecker – 1. ed. – Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022

232 p. (Série Saúde Mental Coletiva, v. 4).

E-book: 3.00 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-54329-50-1

DOI: 10.18310/9788554329501

1. Acompanhamento Terapêutico. 2. Casos clínicos. 3. Políticas Públicas. 4. Psicologia. 5. Saúde Mental. 6. Universidade. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

22-30180102

CDD 610.7
CDU 614.25

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Medicina: Estudo, pesquisa e tópicos relacionados.
 2. Medicina: Direitos e deveres, ética médica e temas relacionados.
-

Catálogo elaborado pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



bolsistas de extensão do *ATnaRede*, contando com a interlocução necessária e decisiva para nós com Emiliano de Camargo David; como mestrando e como doutorando do mesmo PPG em Psicologia Social e Institucional.

Ainda, é preciso dizer que a capa do livro, e o texto que a acompanha, são desdobramentos da oficina que se realizou durante o evento com as artes de Eleonora Graebin, assim como o texto entre-atos foi arte-palhaça de Rita Pereira Barboza, ambas tendo sido, cada qual a seu tempo, acompanhantes terapêuticas no *ATnaRede*.

Desejamos que o encontro com as páginas deste livro possa ser frutuoso, que impulse o pensar e o agir, permitindo perseverar em nosso andar por um estado de direito, por políticas públicas em prol da população, por um cuidado em liberdade.

Porto Alegre, 16 de abril de 2021.

Analice de Lima Palombini
Vera Lúcia Pasini



Prólogo

Linhas do tempo

Para início de conversa, convidamos quem nos lê a nos acompanhar em andanças pelos caminhos a que a experiência do acompanhamento terapêutico (AT) foi nos levando. Certamente nossos trajetos não foram traçados de antemão nem podíamos vislumbrar até onde nos levariam. Mas animava o nosso andar a força motora de uma utopia - a de que a diferença pode ter lugar na comunidade, pode habitar uma cidade.

Com efeito, na origem da função AT, estão as experiências reformistas do pós-guerra, mobilizadas para fazer frente à violência do manicômio, então comparado aos horrores dos campos de concentração nazistas. No Brasil e na Argentina, nos anos 60 e 70, uma psiquiatria dinâmica, de base psicanalítica, buscou transformar, humanizar os espaços de internação psiquiátrica aos moldes das comunidades terapêuticas inglesas e americanas e introduziu, nesses espaços, a figura do auxiliar psiquiátrico ou amigo qualificado que mais tarde viria a se tornar acompanhante terapêutico.

Em nossa experiência, a função AT se apresenta nos primeiros anos de redemocratização do país, pós constituinte de 88. Na esteira do movimento sanitário que resultou na criação de nosso Sistema Único de Saúde, o movimento da luta antimanicomial conquistou para o país uma política nacional de saúde mental com pretensões de abolir o manicômio e seus correlatos da paisagem de nossas cidades, investindo fortemente na criação de uma rede de serviços abertos e territorializados, em articulação com os contextos e os atores de cada comunidade.

Esse investimento, se não foi suficiente para de fato decretar o fim do manicômio entre nós, significou, sem dúvida, uma transposição, um deslocamento, do espaço-tempo do cuidado em saúde mental, do manicômio à cidade. O ensaio de Peter Pal Pelbart (1993), "A nau do Tempo-Rei", foi-nos inspirador para pensar as variantes do tempo nessa passagem de um espaço a outro, em conexão com as arritmias da experiência da psicose. Sensível a essas variações, Suely Rolnik (1997), em

“Clínica nômade”, acompanha o passo a passo de um personagem *at* que se aventura no exterior das instituições e se descobre às voltas com o Fora, dimensão intensiva, mais que espacial, envolvendo a experiência da psicose e seu tratamento.

Estávamos então imersos nas experiências de cuidado em saúde mental, na clínica nascente da atenção psicossocial. Em Porto Alegre, a década de 90 viu surgir os primeiros Centros de Atenção Integral à Saúde Mental - CAIS Mental, precursores dos CAPS que se alastraram pelo país nos anos 2000, sob o auspício da Lei Federal da Reforma Psiquiátrica. A clínica que um serviço assim pedia era diversa daquela em que fomos formados: coletiva e de porta aberta, requeria equipe interprofissional em fazeres transdisciplinares conectados aos territórios de vida afeitos a cada caso singular, articulando em rede diversos setores das políticas públicas e os atores locais habitantes desses territórios.

Era uma clínica a ser inventada, essa em que íamos nos aventurando. Experiências precursoras, narradas em livro, nos ajudaram nesse caminho. *Psicanálise e contexto cultural: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias*, de Jurandir Freire Costa, publicado em 1989, afirmava a potência do trabalho grupal com as classes populares, por afinidade cultural e não por escassez de recursos. *A clínica da psicose: um projeto na rede pública*, escrito por Jairo Goldberg e publicado em 1996, contrastava a clínica praticada nos ambulatórios de psiquiatria e em hospital psiquiátrico com a que fora produzida em reformas no campo da saúde mental na Itália e na França e as experiências inovadoras que vinham se fazendo no campo das políticas públicas de saúde mental no Brasil. O livro *A rua como espaço clínico* (Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa, 1991), publicação sobre a experiência de AT levada a cabo pelo Instituto A Casa na década de 80, guiou muitos dos nossos passos nesses começos. Instituição privada, A Casa teve, contudo, a ousadia de investir no trabalho clínico feito em equipe e conectado com os territórios existenciais das pessoas a quem se dirigia o seu cuidado, na convicção de que a liberdade é terapêutica e de que a diferença pode habitar a cidade, fazer parte da polis.

As experiências que foram assim se forjando no cotidiano do trabalho em equipe num CAIS Mental em Porto Alegre marcaram profundamente nossa trajetória, tendo o AT como seu paradigma, sua máxima expressão. Fábio Araújo, parceiro nessas andanças, no livro *Um passeio esquivo pelo acompanhamento*

terapêutico, assim ensina: o AT é não somente *um* modo da clínica, mas é o modo como a clínica, levada à sua máxima radicalidade, se faz. Tomamos esse ensinamento como aforisma, que nos instigava à reflexão. Nossa experiência levava-nos a reconhecer na função AT uma operação em particular, a que tratamos de nomear de *empuxo à cidade*: mesmo quando um AT se faz ao pé do leito, junto a alguém incapaz de transpor a soleira do quarto, a cidade em suas múltiplas possibilidades de conexão está no horizonte do trabalho e se presentifica em gestos prosaicos como o de abrir uma janela ou compartilhar um café. Contudo, não é qualquer cidade essa que a função AT almeja, mas, antes, aquela que Richard Sennett (1988) define como assentamento humano em que está dada a possibilidade de encontro com o estranho. Temos aí a relação entre cidade e subjetividade, que nos leva à articulação entre clínica e cidade, uma vez que essa abertura ao estranho, a função alteritária desse encontro, é produtora de transformações subjetivas. O AT, como empuxo à cidade, vê-se, assim, elevado à condição de paradigma da clínica.

Andamos com certa pressa no parágrafo anterior, melhor voltar alguns passos. No final da década de 1990, a experiência AT que iniciáramos na rede de saúde mental transpôs-se para a Universidade, dando origem, em 1998, ao projeto de extensão e pesquisa de que trata este livro, o que nos permitiu expandir o AT para outros territórios da cidade. Foi momento de voltarmos o olhar em especial para o modo como o urbanismo, a arquitetura, as configurações do morar incidem sobre a subjetividade, sobre as formas do laço social. O encontro com o livro *Carne e pedra*, de Richard Sennett (1997), ao percorrer a arquitetura e a planificação dos espaços públicos desde a pólis grega até as megametrópoles modernas, foi-nos revelador das sucessivas variações nas formas de apropriação do corpo engendradas no concreto das cidades, culminando com o individualismo e a passividade característicos da contemporaneidade. Anos mais tarde, o livro de Paola Berenstein Jacques (2001), *Estética da ginga. Arquitetura da favela sob a ótica de Hélio Oiticica*, foi outro achado precioso, apresentando-nos uma construção do morar que é movente, feita de bricolagens, labirintos e rizomas, nas brechas da cidade do dinheiro, de asfalto, vidro e concreto armado.

Seguíamos, ao mesmo tempo, na experimentação das transformações da clínica que se impunham ao acompanhamento da loucura no cuidado em

liberdade. Era um corpo sensível, aberto ao Fora, o que nos era exigido; uma clínica em ato, encarnada e móbil (gestual, andante), por não caber inteira nas palavras. Buscamos, em autores de diferentes vertentes, os conceitos-ferramenta com os quais fazer operar essa clínica no contexto da cidade. Recorremos a Winnicott, a Lacan, a Deleuze e Guattari, pensadores irmanados no que consideramos ser-lhes um princípio ético comum, tributário das formulações freudianas, para o qual a subjetividade é resultante de uma relação alteritária com o outro, envolvendo uma dimensão inconsciente, não transparente a si mesma, que não se deixa apreender por nenhum saber.

Aquém ou além das teorias da clínica, porém, as pessoas que acompanhamos desde o começo de nossa experiência nos fazem ver o valor da amizade como elemento intrínseco ao AT. Em 2008, usuários do CAIS Mental escolheram intitular de “Cadê o AT? Em busca de um companheirismo *amigo*” (Oficina de Imagens do CAPS CAIS Mental, 2008, grifo nosso) o vídeo por eles produzido, sob demanda, para o Congresso Internacional de Acompanhamento Terapêutico que realizaríamos naquele ano em Porto Alegre. No vídeo, Tiago, um dos usuários, declara que Joana, sua *at*, era *como* uma amiga para ele, e conclui: *quem tem um amigo, tem um tesouro*. No intuito de zelar por esse tesouro, encontramos-nos com pensadores que vão teorizar sobre a amizade em sua função agonística, alteritária, de transformação de si e do outro: Nietzsche, Maurice Blanchot, Foucault, Derrida...

Antes disso, em 2004, nossa experiência e seus desdobramentos tomaram forma de livro. *Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento* (Palombini et al., 2008) apresenta os referenciais teóricos que orientaram nossos percursos desde o sujeito até a cidade; a narrativa dos acompanhamentos terapêuticos em curso pelo projeto no ano de 1998; e as aprendizagens suscitadas. A segunda parte do livro conta com textos de parceiros de nosso projeto vinculados ao CAIS Mental e traz, ainda, a experiência muito marcante dos cursos de AT oferecidos pela Escola de Saúde Pública do RS entre os anos 2000 e 2003, voltados a trabalhadores de nível médio e básico da rede pública de saúde de diferentes municípios do estado. Tomar parte na realização desses cursos, estar em contato direto com esses trabalhadores em encontros semanais ao longo dos nove meses de cada edição do curso significou, para nós,

novas aprendizagens e a constatação do quão potente podia ser, para a construção de práticas de cuidado em liberdade, não só a oferta de ferramentas como o AT, mas a abertura de espaços de escuta e apoio a esses trabalhadores.

A publicação desse livro criou oportunidades de novas parcerias e andanças por outros territórios. Ao mesmo tempo que o projeto *ATnaRede* tinha continuidade na UFRGS, articulado a diferentes serviços da rede pública em Porto Alegre, em 2005 acompanhávamos a experiência nascente na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, conduzida por Regina Benevides de Barros. A estreita parceria estabelecida entre nós culminou com a realização de dois encontros frutuosos, envolvendo as equipes de *ats* de cada projeto: um em Porto Alegre, no mesmo ano de 2005, e outro em Niterói, em 2006. *Colóquio em dois movimentos: de Porto Alegre a Niterói* inaugura uma rede de conversações que ganhou força anos depois, reunindo grupos universitários de pesquisa e extensão com atuação em AT junto à rede de políticas públicas em municípios de diferentes estados do país. O livro eletrônico *Acompanhamento terapêutico, Universidade e Políticas Públicas: rede de conversações* (Palombini et al., 2019), também publicado pela Rede Unida, reproduz os debates ocorridos no encontro que se realizou em 2015, em Porto Alegre, reunindo cinco desses grupos. Na sequência, produziram-se outros encontros e se multiplicaram os grupos participantes – este livro, como já foi dito, dá testemunho de um desses encontros, em março de 2018, comemorativo dos vinte anos do projeto *ATnaRede*.

Nossa trajetória e as trocas realizadas com esses outros grupos vêm confirmar e consolidar o AT como expressão de uma política pública a qual propõe um cuidado integral à saúde e um cuidado em liberdade, na forma mais radical com que a clínica se faz, como empuxo à cidade. O AT configura também, por isso mesmo, um dispositivo potente de formação, que nos lança nessa experiência radical de encontro com o outro e com a cidade. Por fim, ele se fez, para nós, um método, um meio de pesquisa através do qual colocamos em análise: a clínica, levada ao seu limite; a reforma psiquiátrica, em seus efeitos sobre os serviços e as comunidades de cada território; a intersetorialidade, em sua (des)articulação em redes territoriais de cuidado. Em nossas andanças, no esforço por tecer essas redes, quando alcançamos tecê-las, aprendemos o quanto pode ser tênue, às vezes, a distância entre uma prática em rede que se quer usuário-centrada, que se

deixa guiar em seus passos pelo andar do sujeito a quem acompanha, e outra que simplesmente recobre o sujeito numa trama feita com fios de controle e vigilância, tornando-o usuário-cercado.

O AT, portanto, em nossa experiência, é não só um articulador, mas também um analisador das redes, assumindo o ponto de vista dos nossos acompanhados e acompanhadas para olhar para essa rede e para se movimentar nela. Assumir o ponto de vista de quem acompanhamos tem nos levado a operar o AT no ponto de intersecção entre diferentes políticas: saúde, direitos humanos, justiça, assistência social, trabalho, habitação... E tem nos defrontado, quase invariavelmente, com questões que, para além dos estigmas e exclusões em torno da loucura, envolvem racismo, violência contra a mulher, contra idosos, violência de gênero, pobreza extrema e falta de acesso a bens culturais. Seguimos caminhando, como o fizemos desde sempre, no contrafluxo das lógicas manicomializantes, da hegemonia biomédica, dos higienismos que persistem ainda. Mas as forças com que o AT se enfrenta hoje se multiplicam, sobrepondo-se umas às outras, tornando mais desafiador o nosso caminhar.

Assim, ao longo dos anos, nossa compreensão sobre o AT e os modos da sua operação ganharam nuances e novas problematizações, não somente em resposta a avanços e retrocessos na implementação das redes de atenção psicossocial, mas também como efeito das transformações por que passou a Universidade a partir de 2008, com a implementação de uma política de ações afirmativas que, favorecendo maior presença de estudantes negras e negros em nosso projeto, tornou impossível ignorar a dimensão da racialidade a perpassar cada uma das experiências em AT que acompanhávamos. Especialmente provocados pelas estagiárias negras participantes do projeto, ao pensar racialidade em nossa experiência AT, foi inevitável relacioná-la às questões de gênero e classe. Com efeito, não apenas o deslocamento do manicômio para a cidade traçou os rumos de nossas andanças, desde os anos 1990, mas igualmente marcante é a instauração do SUS, sistema público, universal e gratuito de saúde que assenta o chão onde havíamos de pisar no encontro com as pessoas por acompanhar, em situações de vida muito distintas daquelas que nos eram narradas nos primeiros livros sobre AT, oriundas da classe média e alta dos grandes centros urbanos de nosso país. Nesse chão que começamos a trilhar há quase três décadas, ligado às questões de

classe e de raça, foi-se fazendo recorrente o encontro com mulheres que, vítimas de violência doméstica ou sexual, padecendo dos efeitos traumáticos dessas violências, tiveram suas vidas vigiadas e medicamentalizadas, numa espécie de penalização que as tornava culpáveis das violências de que haviam sido vítimas. São esses, hoje, os nossos impasses, que forçam o pensamento e nos impelem à conversa com interlocutores como Rachel de Gouveia Passos (2020, 2018), que, na intersecção entre gênero, raça e classe, alia o feminismo à luta antimanicomial e propõe o navio negreiro como imagem que denuncia o manicômio e seus correlatos, dispositivos de encarceramento e morte da população negra; e como Emiliano de Camargo David (2020a, 2020b), na afirmação do AT como prática diaspórica, antirracista e no convite a um aquilombamento dos espaços de cuidado em saúde mental.

Não será possível, porém, encerrar este prólogo sem fazer menção aos tempos pandêmicos que temos vivido desde março de 2020 em nosso país, sob formas cada vez mais brutais, que, reiterando as articulações entre gênero, classe e raça, têm contaminado especialmente as mulheres e custado a vida de centenas de milhares de brasileiros, em especial a população mais pobre e negra. Embora não seja tema expresso deste livro, queremos contar, ainda que brevemente, de nossa experiência AT em meio à pandemia, em que nos vimos diante do desafio de relançar, por outros meios, a nossa clínica – essa que, indo aonde o acompanhado está, engajando de forma tão particular a presença e o corpo do acompanhante, viu tolhidos seus movimentos.

Por mais paradoxal que possa parecer, constatamos que o AT tem muito o que ensinar em tempos de atendimento online, em que a tela do celular ou do computador expõe de uma forma muito aguda a intimidade, a domesticidade da vida das pessoas que buscam cuidado em saúde mental. São cenas muito embaraçosas para alguns profissionais, não acostumados a essa exposição íntima da vida cotidiana do outro, especialmente aqueles profissionais que se resguardam do trabalho no território e em domicílio. Para o AT, ao contrário, incidir na relação entre o acompanhado e um familiar, em ato, na cena doméstica que se arma em sua presença, é algo corriqueiro. Então, o AT pôde ensinar a esse respeito, e pôde, inclusive, estar mais à vontade com o fato novo de que a pessoa acompanhada também entra, através da tela, na sua casa. A intimidade, a domesticidade do

profissional também está exposta, mas, antes de ser um entrave, ela pode passar a compor o manejo clínico, desde que sejamos capazes de perder um pouco dos nossos pudores. Os *ats* estão habituados a perder o pudor.

Contudo, esse contato, que se faz desde a intimidade das casas, não pode perder a conexão com o espaço público, o empuxo à cidade, as urgências do nosso tempo. Tampouco se pode perder de vista que segue sendo preciso ir onde vivem as pessoas, oferecer cuidado no território. Ainda que tenhamos tido experiências muito efetivas de presentificação do cuidado por meio remoto, inclusive no suporte a situações de crise, o contato online nem sempre é possível e pode não ser acessível ou não ser suficiente em determinados casos. A presença do *at* junto à casa de seu acompanhado pode ser crucial em momentos de tanto desamparo e angústia.

Fazendo frente ao desmonte da Atenção Básica no país e ao pouco ou nenhum investimento feito pelo governo no sentido de cuidar das pessoas e prevenir a Covid junto aos seus locais de moradia, nós testemunhamos, nos bairros mais pobres, em municípios diversos, comunidades inteiras que, por conta própria, organizaram-se para cuidar de si e dos seus, do ponto de vista da saúde, da alimentação, da prevenção à violência doméstica, do consolo e do conforto.

Essas experiências, levadas a cabo em meio a um contexto que desinveste e põe em desordem políticas públicas fundamentais efetivadas nas últimas décadas, sugerem uma perspectiva futura ao AT, que gostaríamos de deixar apontada aqui, ainda que não a tenhamos por ora efetivada. Essa perspectiva envolve uma dimensão pública do trabalho do AT, mas uma dimensão pública neste momento desalojada do Estado. Assim, além da aposta que seguimos fazendo em um devir *at* de todo trabalhador de saúde mental, queremos apostar, na mesma medida, no devir *at* das comunidades, no devir *at* de usuários da saúde mental, para que comunidades e usuários possam se munir de ferramentas que, somadas ao saber da experiência que ambos carregam, tornem mais potente a tarefa de cuidado mútuo, de apoio entre pares. Haverá quem veja nisso um retrocesso, uma desvalorização do acúmulo de saber produzido durante décadas em torno à prática do AT. Vemos, ao contrário, como uma expansão da sua potência, em íntima conexão com as experiências vividas pelas populações, com suas dores, seus anseios, seus saberes e suas lutas. Propomo-nos a seguir caminhando movidos pela força de uma utopia - no contrafluxo, a contrapelo, contracorrente.

Referências bibliográficas

Araújo F. (2005). *Um passeio esquivo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos clínicos à política da amizade*. Niterói, RJ: Fábio Araújo.

Costa JE. (1989). *Psicanálise e contexto cultural: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias*. Rio de Janeiro: Campus.

David EC & Vicentin MCG. (2020a). Nem crioulo doido nem negra maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. *Saúde em debate*, v. 44, n. esp. 3 - Retratos da reforma psiquiátrica brasileira.

David EC. (agosto 2020b). Aquilombar a cidade: território, raça e produção de saúde em São Paulo. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 10.

Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.). (1991). *A rua como espaço clínico. Acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Escuta.

Goldberg J. (1996). *Clínica da psicose: um projeto na rede pública*. 2. ed. Rio de Janeiro: Te Corá/Instituto Franco Basaglia.

Jacques PB. (2001). *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra / RIOARTE.

Oficina de Imagens CAPS Cais mental. (2008). *Cadê o AT? Em busca de um companheirismo amigo*. Videodocumentário. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wdIIHzkZlk4>

Palombini AL, Jover ER, Richter EP, Mesquita JLR, Cabral KV, Benevides LG, Belloc MM, Severo BR, Silva MCC, Raymundo MB, Sibemberg N, Machado PS, Kasper SG & Freitas VTB. (2008). *Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública: a clínica em movimento*. (2 ed.). Porto Alegre, RS: UFRGS.

Palombini AL, Pasini VL, Brondani AC, Guerra SZ, Ecker DD. (Orgs.) (2019) *Acompanhamento terapêutico, universidade e políticas públicas: rede de conversações*. (1 ed., pp. 85). Porto Alegre, RS: Rede UNIDA.

Passos RG. (2020). Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. *Revista em Pauta*, v. 18, p. 116-129.

Passos RG. (2018). Holocausto ou Navio Negreiro?: inquietações para a Reforma

Psiquiátrica brasileira. *Argumentum (Vitória)*, v. 10, p. 10-23.

Pelbart PP. (1993). *A nau do tempo-rei*. In *A nau do tempo-rei; sete ensaios sobre a loucura*. Rio de Janeiro: Imago, p. 29-46.

Rolnik S. (1997). *Clínica nômade*. In Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.). *Crise e cidade: acompanhamento terapêutico*. São Paulo: EDUC, p.83-97.

Sennett R. (1988). *O declínio do homem público*. As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras.

Sennett R. (1997). *Carne e Pedra*. *O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record.

A watercolor illustration of a tree with a complex, branching structure. The colors are primarily blue, yellow, and pink, with some white and light blue accents. The style is soft and painterly, with visible brushstrokes and blended colors. The tree's branches are dark blue and black, while the foliage is a mix of light blue, yellow, and pink. The overall composition is abstract and expressive.

**HÁ TEMPOS ACOMPANHAMENTO
TERAPÊUTICO NA REDE PÚBLICA**